

ÍNDICE

Introdução	11
O Ensaio	21

O PARADOXO ANDANTE

Correr atrás do próprio chapéu	25
Um pau de giz	29
Vantagens de ter uma perna	33
Ficar na cama	37
Uma viagem de táxi pelo campo	41
O paradoxo andante	46
Em defesa dos maçadores	50
Uma adoração pelo chumbo	54
Tintas numa paleta	57
O espelho	62
Ficar comovido	65
Letras e loucura	68
O maníaco	72

ESCREVER MAL

Em defesa do folhetim	79
Escrever mal	84
Más comparações	87
Sobre crenças	91
Das metáforas absurdas	95
A má poesia	100
Boas histórias arruinadas por grandes autores	104

As convenções da ficção	108
A sedução da rima	112
Os passarinhos que não cantam	126
Humor	131
Os teatros de papel	138
Uma falsa teoria do teatro	143
Em defesa das unidades dramáticas	148
A pintura alegórica de Watts	152
George Frederick Watts	161

POBRE SHAKESPEARE

Partidas da memória	165
O Livro de Job	169
Chaucer e o Renascimento	177
Pobre Shakespeare	182
Um retrato de Shakespeare	184
<i>Sonho de Uma Noite de Verão</i>	189
O verdadeiro Dr. Johnson	199
William Blake e a inspiração	203
<i>Os Cadernos de Pickwick</i>	207
A fada Pickwick	216
Tennyson	223
Lewis Carroll	227
Rudyard Kipling	234
Oscar Wilde	241
O filósofo Shaw	245

EM DEFESA DOS POLICIAIS

Sherlock Holmes	261
Como escrever um conto policial	267
Em defesa dos policiais	273
Das coisas chocantes	277

EM DEFESA DO *NONSENSE*

Em defesa do <i>nonsense</i>	287
Contos de fadas	292

Um conto de fadas	296
A avó do dragão	300
O anjo vermelho	304
O romântico à chuva	309
A era das lendas	312
A alma em cada lenda	319
A filosofia das ilhas	324
Em defesa da farsa	329

OS MONSTROS E A IDADE MÉDIA

A província da Britânia	335
São Francisco de Assis e a natureza	344
O paradoxo da humildade	350
Em defesa da humildade	354
Giotto e São Francisco de Assis	359
Os monstros e a Idade Média	369
O leão heráldico	373

O IDEAL AMERICANO

O ideal americano	381
Meditação num hotel em Nova Iorque	387
Meditação na Broadway	398

O DEFENSOR

O defensor	411
Dos costumes fúnebres	415
O segredo de um comboio	420
As razões do ritual	424
Deuses domésticos e duendes maléficos	428
Em defesa da publicidade	433
No país de pernas para o ar	437
Chamar nomes: dos cristãos e dos outros	441
O sacerdote da primavera	447
Tagtug e a árvore do conhecimento	452
Sobre o censor	456
Amor romântico	460

Sobre o verdadeiro artista	463
Vulgaridade	466

O CULTO DOS RICOS

Os doze homens	471
O culto dos ricos	475
O avarento e os seus amigos	479
O oficial louco	483
Sobre a criança	487
A perpetuação das punições	491
Se eu tivesse um sermão para pregar	494
Alguns polícias e uma moral	503

INTRODUÇÃO

Lorde Henry:

“Os nomes são tudo. Nunca me zango com as ações.

A minha única zanga é com as palavras.

É por isso que detesto o realismo vulgar na literatura.”

(Oscar Wilde, *O Retrato de Dorian Gray*)

Ao lermos Chesterton somos dominados por uma extraordinária sensação de felicidade. A sua prosa é o oposto da prosa académica: é rejubilante. As palavras ressaltam e desencadeiam faíscas entre si, como se um brinquedo de corda ganhasse vida de repente, fazendo girar e disparar todos os botões do bom senso, o mais surpreendente dos prodígios. Para ele, a linguagem era uma caixa de ferramentas que servia para construir teatros de fantoches e armas de brincar, e, como Christopher Morley sublinhou, “os seus jogos de palavras levavam muitas vezes a um genuíno divertimento da mente”. Existe algo de precioso e detalhado, de colorido e espalhafatoso na sua escrita. A chamada “sobriedade inglesa” não se lhe aplicava, fosse no modo de se vestir (a sua imensa e esvoaçante sobrecasaca, o chapéu alto e amarfanhado e as lunetas gnómicas faziam-no parecer uma figura de pantomima) ou nas palavras que usava (nunca deixou de instigar e ferrear uma frase até esta desabrochar como uma videira em flor, ramificando em várias direções com um fervor tropical, florescendo em diferentes ideias em simultâneo). Escreveu e leu com a mesma voracidade com que um glutão se entrega à bebida e à comida, ainda que possivelmente com mais proveito, e os tormentos do escrevinhador acorado sobre a página em branco de Mallarmé não parecem ter sido os seus, nem a angústia do académico rodeado de tomos empoeirados. Ler um livro era para Chesterton um ato mais físico do que intelectual. O padre John O’Connor, que serviu de modelo para o seu padre Brown, disse que quando Chesterton lia um livro, “virava-o do avesso, dobrava-lhe as páginas, sublinhava-o, sentava-se em cima

dele, levava-o para a cama e deitava-se sobre ele, levantava-se novamente e entornava-lhe chá por cima — isto se o livro lhe despertasse suficientemente o interesse.” E era com igual brio que escrevia, transbordando do seu lugar defronte de uma mesa manchada de cerveja, num café cheio de fumo em Fleet Street. Um dos empregados desse café descreveu-o deste modo: “Ele ser um homem muito esperto. Ele senta e ri. E depois ele escrever. E depois ele rir com aquilo que escrever.”

*Já desde a sua primeira coleção de ensaios, *The Defendant*, publicada em 1901, quando Chesterton tinha apenas 27 anos, parecia ser um homem em constante estado de deslumbramento: não um estado solene e meditativo, em que a mente desenreda preguiçosamente uma ideia ao longo de páginas bem delineadas e através de notas de rodapé, mas um estado em que a mente, seduzida por isto e distraída daquilo, esvoaçava em redor, alegremente e em constante surpresa. “O que havia de maravilhoso na infância”, escreveu Chesterton na sua *Autobiography*, “era que qualquer coisa que fizesse parte dela era uma maravilha. Não se tratava somente de um mundo repleto de milagres; era um mundo miraculoso. O que me provoca este choque são quase todas as coisas de que realmente me consiga lembrar, e não as coisas que eu acho que valem mais a pena ser lembradas.” Este dom parece ter estado sempre na sua posse ao longo da vida. Tudo o que ele “realmente” conseguia lembrar tornava-se objeto das suas reflexões. Nenhum assunto parecia estar fora do seu alcance, se não mesmo do seu interesse. Fosse qual fosse a questão, e independentemente do seu grau de seriedade, Chesterton recusava-se a ser solene, especialmente quando se propunha a ser sério. Numa carta para aquela que viria a ser depois a sua esposa, Frances Blogg, discutindo com gravidade a natureza da domesticidade, ele escreveu: “A minha ideia (...) é construir um lar realmente alegórico, explicar de facto o seu significado essencial. Ditos místicos ou da antiguidade estariam inscritos em cada objeto, sendo que quanto mais prosaico o objeto, melhor. ‘Tereis feito cair Chuva sobre a Terra?’ deveria estar gravado no bengaleiro ao pé dos guarda-chuvas, talvez mesmo no próprio guarda-chuva. ‘Até os Cabelos da tua Cabeça estão todos contados’ atribuiria uma tremenda importância às escovas de cabelo de uma pessoa: as palavras relativas ao ‘espírito da água’ acabariam por revelar a musicalidade e a santidade do lavatório, enquanto que a frase ‘O nosso Deus é um Fogo devorador’ poderia ser inscrita sobre o fogão, para acompanhar os místicos devaneios do cozinheiro.”*

Porque o que de facto lhe importava eram as associações e reações entre factos, e não os factos por si mesmos, pois a exatidão — no sentido documental da palavra — não era algo de suma importância para si. Faltava-lhe a paciência para aquilo que dizia ser “a equidade do inte-